



# Redução e desnasalização em verbos de 3ª pessoa do plural no português mazaganense

Elzeny Monteiro Baía Cardoso <sup>1</sup>  
Celeste Maria da Rocha Ribeiro<sup>2</sup>

---

## RESUMO:

Este trabalho busca evidenciar os fenômenos de redução e desnasalização em ditongos nasais átonos finais em verbos da 3ª pessoa do plural no português mazaganense. O objetivo é mostrar como essas ocorrências se desenvolvem na comunidade, tendo em vista a variabilidade das realizações já presentes no português brasileiro. Assim, tratamos do conceito de redução e desnasalização, a partir da perspectiva morfofonológica, relacionado ao comportamento variável da concordância verbal de terceira pessoa do plural — eles/elas *falam* [ãw] [u], eles/elas *comem* [ẽj] [I]. Para isso, consideramos os estudos já realizados por Chaves (2016), Mendonça et al (2017), Medeiros et al (2021), Batisti (2000), Silva et al (2012), Bopp da Silva e Schwindt (2009), bem como lançamos mão da teoria e metodologia variacionista de Labov (2018 [1972]) e Weinreich, Lavob e Herzog (2006). Para esse fim, consideramos as transcrições grafemáticas, com base na chave de transcrição do Projeto Vertentes (LUCCHESI, 2010), provenientes de recortes de entrevistas realizadas na comunidade mazaganense. Essa comunidade, sob o olhar de Vidal (2008) e Oliveira (2015), corresponde ao distrito de Mazagão Velho, no Amapá, comunidade afrodescendente que mantém em sua composição étnica a descendência de escravizados, além de situar-se geograficamente a uma distância de 70 km da capital e o fato dos moradores manterem em sua tradição uma organização social que se destaca por sua singularidade, considerando as manifestações culturais locais. Essas evidências favorecem a realização da investigação sociolinguística dada sua representação geográfica, histórica e sociocultural, visto que esse local constitui patrimônio histórico-cultural do estado do Amapá.

---

## PALAVRAS-CHAVE:

Comunidade  
afrodescendente;  
Mazagão Velho;  
Redução e  
desnasalização;  
Variação;

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGLET/UNIFAP; [elzenycardoso@hotmail.com](mailto:elzenycardoso@hotmail.com).

<sup>2</sup> Orientadora da pesquisa; Doutora em Linguística; docente no Departamento de Letras, Arte e Jornalismo no Programa de Pós-Graduação em Letras/UNIFAP; [celribeiro042002@gmail.com](mailto:celribeiro042002@gmail.com).

## 1 Introdução

Este estudo refere-se ao fenômeno de ditongação/nasalização [ãw, êj] e redução/desnasalização [u, l] de verbos em posição de terceira pessoa do plural (3PP). Para esse fim, serão apresentados condicionadores linguísticos que podem favorecer esse fenômeno considerando questões fonológicas e morfossintáticas. Vale destacar que nessa abordagem serão considerados somente os aspectos morfofonêmicos relevantes para a análise das ocorrências de redução e desnasalização.

Com essa finalidade, traz-se-á como base teórica para o desenvolvimento deste trabalho uma abordagem sociolinguística, destacando a temática Variação e mudança linguística sob o viés de Labov (2018 [1972]) e Weinreich, Lavob e Herzog (2006 [1968]); além de uma reflexão de Lucchesi (2015) acerca do processo de variação e mudança no PB. Para a análise do fenômeno investigado, serão abordadas as teorias de Chaves (2016), Mendonça et al (2017), Medeiros et al (2021); Batisti (2000), Silva et al (2012) e Bopp da Silva e Schwindt (2009), que ressaltam nos resultados de suas pesquisas a forma como esse fenômeno se comporta no português brasileiro (PB).

A metodologia empregada segue o modelo variacionista laboviano (2008 [1972]). Nessa direção, serão abordadas as variáveis linguísticas (tonicidade da sílaba seguinte, contexto fonológico seguinte e tempo verbal) e as variáveis sociais (idade, sexo e escolaridade), a fim de investigar a atuação desses grupos no favorecimento ou não do fenômeno pesquisado. Os resultados serão apresentados e discutidos a partir dos valores das frequências encontrados conforme cada variável investigada, buscando-se evidenciar a atuação de cada uma, no tocante aos falantes mazaganenses.

## 2 Variação e mudança linguística

Os pressupostos da teoria Variacionista de Labov (2008 [1972]) incidem sobre a heterogeneidade linguística, desconstruindo um ideal de língua unipreconizados ainda no século XX, ideal esse defendido pelas correntes estruturalista de Saussure (1986) e gerativista de Chomsky (1957). Vale lembrar que este assumiu a noção de competência como foco central de estudos da linguística, enquanto aquele assume a língua como objeto desses estudos, ambos desconsiderando, assim, o uso da língua pelo indivíduo. A concepção saussuriana voltou-se para a explicação dos termos estruturais da língua de forma científica, desconsiderando fenômenos relacionados a esse uso, como é o caso daqueles que sofrem influência de fatores sociais; o teórico criador do Gerativismo, por sua vez, vai propor modelos teóricos e métodos de análise e tal como no estruturalismo, Chomsky vai deixar de lado tudo o que está relacionado

à performance, não a considerando relevante para os estudos linguísticos. Nessa direção, Labov, a partir dos anos 1960, questiona tais vertentes, alegando que:

[...] uma abordagem que considera apenas as pressões estruturais dificilmente pode contar a história toda. Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo específico, o que exige uma explicação (LABOV, 2008 [1972], p. 20).

A teoria de variação e mudança linguística evidenciada por Weinreich, Labov e Herzog – WLH (2006) deixam de lado a dicotomia e sincronia de Saussure (1986)<sup>3</sup> para analisar as variações linguísticas a partir de um recorte temporal. Nesse sentido, os autores consideram que a fase intermediária da variante analisada pode dizer muito mais sobre ela que a sua origem. Para eles:

As evidências acumuladas ao longo dos anos mostram que a instalação de uma nova variante é progressiva e que, entre dois estágios de uma língua podem ser identificados sistemas transicionais que suscitam questões sobre a forma como uma variante passa de um indivíduo para o outro e de um contexto estrutural a outro (WLH, 2006 [1968], 141).

Os principais pressupostos da referida teoria, com base em WLH (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]) destacam a língua como um sistema heterogêneo, mas uma heterogeneidade ordenada, estruturada, apresentando, ao lado das regras categóricas, as regras variáveis condicionadas por fatores linguísticos e sociais; esses autores evidenciam que o valor social das formas variantes são diferenciados pelo valor atribuído pela sociedade a cada uma dessas formas, a qual considera o contexto social em que o falante está inserido, portanto não havendo na língua ocorrências melhores que outras; outro pressuposto dessa teoria ressalta que a comunidade de fala é considerada como principal fonte de estudo da variação linguística, haja vista a importância do contexto social em que a língua é usada.

Segundo Labov (2008, [1972], p. 150), “a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas”. Para discorrer sobre a mudança, WLH (1968) apresentam cinco questões centrais relacionadas a um conjunto de problemas empíricos, cujos pontos principais envolvem a transição, o encaixamento, a implementação e a avaliação. Portanto, observamos que, para WLH (2006 [1968]), a teoria da mudança linguística não pode deixar de lado os fatores sociais, mas sim considerá-los lado a lado com os linguísticos; nessa perspectiva, a teoria recai sob o aspecto sincrônico da língua destacando que

---

<sup>3</sup> Sincronia é o estudo na língua em um momento específico e Diacronia é o estudo da língua através do tempo.

Poderia parecer que a abordagem histórica seria a mais apropriada a uma ciência empírica preocupada com a mudança, até mesmo num curto espaço de tempo, já que essa abordagem leva a afirmações cada vez mais sujeitas a confirmação ou refutação. Ao mesmo tempo, uma visão tão próxima da mudança histórica nos mostra cada vez mais céticos com relação à validade do tipo de dado que pode ser considerado, na mente dos outros eventos linguísticos. Seria de esperar que a aplicação da linguística estrutural a problemas diacrônicos levasse ao enriquecimento dos dados, mais do que seu empobrecimento (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

Para o autor, “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente no presente vivo” (LABOV, 2008 [1972], p. 21). Nessa perspectiva, ao analisar o perfil linguístico do português brasileiro, trazemos o viés de Lucchesi (2012, 2015), mostrando a polarização sociolinguística no Brasil, a qual compreende duas vertentes da língua: uma culta, falada pelos habitantes dos centros urbanos, pelos mais escolarizados, pelos de classe mais elevada; a outra corresponde à língua popular, representada pelos que habitam na periferia, nas áreas rurais e/ou quilombolas, entre os menos escolarizados e os de classe baixa; perfis sociais distintos que também representam perfis linguísticos distintos, aflorando um problema que persiste há séculos no Brasil, a desigualdade social.

Diante disso, o fenômeno que será abordado, a redução/desnasalização dos ditongos átonos, é somente um dos exemplos que remetem às inúmeras variedades linguísticas existentes nas diversas regiões do Brasil. Esse processo de variação mostra com clareza como determinadas variantes populares, as quais são estigmatizadas socialmente, se revelam cada vez mais evidentes no falar brasileiro, sobretudo entre os mais subalternizados socialmente.

Na perspectiva de Lucchesi (2015), essas variedades do português, tão diferentes daquelas do português europeu, originam-se de uma TLI (Transmissão Linguística Irregular), proveniente do contato abrupto do português com línguas africanas, sobretudo as línguas do grupo banto (o quimbundo, o quicongo e o umbundo), as quais foram as mais utilizadas pela maioria dos escravos que vieram para o Brasil; essas línguas até hoje são amplamente utilizadas em Angola e em outros países da região africana (Bagno, 2016). Segundo Lucchesi (2015), esse cenário de escravidão e de supremacia da língua imposta (o português europeu) não levou à formação de crioulos no Brasil, mas sim a um português com diversas irregularidades linguísticas disseminado entre o povo brasileiro que foi se formando aqui com o passar do tempo.

Esse autor também fala a respeito da mudança em progresso de cima para baixo, na qual é possível observar que certas variantes podem estar sofrendo mudanças nessas comunidades mais isoladas, considerando o fácil e rápido acesso das

peças a diversas e diferentes variedades do português brasileiro (PB), sobretudo por meio da tecnologia e da internet que atualmente estão em todos os lugares (LUCCHESI, 2015), possibilitando, assim, o contato entre falantes, independente de espaço geográfico, origem, etnia ou classe social. Essas mudanças tendem a ser observadas em variados fenômenos do PB, sobretudo naqueles de natureza semântico-lexical e morfofonológicos, desencadeados por fatores tanto estruturais quanto sociais. Desse modo, apresentamos na seção seguinte algumas considerações sobre o fenômeno investigado neste estudo.

### 3 Aspectos morfofonêmicos do fenômeno da Redução/desnasalização em verbos da terceira pessoa do plural

Para Chaves, (2016) não há como ocorrer a desnasalização se não houver a redução. Por isso, a denominação aqui apresentada referente à aplicação do fenômeno será sempre denominada redução/desnasalização. Há ainda a redução e a manutenção da nasalização [ĩ] e [ũ] (*comĩ, fizerũ*), mas esse aspecto não será tratado nesse trabalho.

Batisti (2000, p. 258) afirma que o principal fator favorecedor da aplicação da regra de redução/desnasalização é “o condicionamento prosódico: a atonicidade da sílaba é o que desencadeia a realização variável de vogal simples”. Portanto, em verbos no futuro, que tem ditongo nasal tônico, como em “falarão”, “sentirão” não será encontrado o fenômeno investigado, estando o número maior dos casos de redução/desnasalização entre os verbos no pretérito que apresentam ditongo nasal átono, como em “falaram”, “sentiram”.

A redução/desnasalização pode ser observada em substantivos e advérbios (*homẽj/homr, ontẽj/ontl*). Nessa perspectiva, Guy (1981 *apud* BATISTI, 2000) afirma estar no caráter tônico da sílaba final um fator inibidor da desnasalização, enquanto as consoantes velares e palatais precedentes são favorecedoras do fenômeno.

Os estudos de Batisti (2000), realizados a partir dos dados do Projeto Varsul<sup>4</sup>, mostram que variáveis linguísticas tendem a desempenhar um papel atuante no condicionamento do fenômeno da redução/desnasalização. Entre essas variáveis, destaque para o contexto fonológico seguinte em que o fator palavra seguinte iniciada por vogal (foram avisar/foro avisar) atua como favorecedor do fenômeno com peso relativo de .60. A tabela 1 seguinte mostra esse desempenho.

**Tabela 1:** Aplicação do fenômeno da redução/desnasalização considerando o Contexto Fonológico Seguinte

<sup>4</sup> Projeto Varsul: Variação Linguística na Região Sul do Brasil.

FATOR	APLICAÇÃO/TOTAL DE OCORRÊNCIAS	PESO RELATIVO
Palavra seguinte iniciada por consoante não-nasal	902/2146= 42%	.48
Palavra seguinte iniciada por consoante nasal	265/698= 38%	.43
Palavra seguinte iniciada por vogal	780/1544= 51%	.60
Pausa	507/1261= 40%	.44

Fonte: Batisti (2000, p. 266).

Nessa análise, Batisti (2000, p. 267) alega que “a interpretação desses números poderia ser a de que consoante (não importa de que tipo) ou pausa seguintes, ao contrário de vogal, não leva à redução dos ditongos nasais átonos”. Bopp da Silva e Schwindt (2009) também descrevem esse panorama, em que o fator vogal na sílaba seguinte favorece o fenômeno estudado.

Chaves (2016; 2017) mostra, em seus estudos sobre a CVP6<sup>5</sup>, o efeito de dois processos fonológicos variáveis (redução/ desnasalização e sândi vocálico) na comunidade não urbana de Florianópolis (SC) da Costa da Lagoa. A autora traz duas perspectivas sobre o fenômeno de redução/desnasalização, uma denominada não ambígua, em que não há dúvidas na realização desse fenômeno e a outra denominada ambígua, a qual caracteriza-se por não concluir se é o fenômeno da Redução/desnasalização que acontece ou se é a aplicação da regra de concordância padrão. Nesse caso, a sílaba da palavra seguinte é determinante. Se ela iniciar com uma nasal (...eles divid[êj]tre eles...), é um caso de ambiguidade, pois não se sabe se ocorreu a marcação de CVP6 ou se é um caso de redução/desnasalização. Se não houver nasal na sílaba seguinte (Hoje em dia elas não brinc[a]gora), é um caso óbvio de redução/desnasalização (CHAVES, 2016).

Nessa perspectiva, Chaves (2016) desenvolve seu estudo apresentando esses dois vieses, mostrando a relevância fonológica da sílaba seguinte para o condicionamento linguístico do fenômeno investigado. Assim, mesmo não sendo objetivo deste trabalho investigar as formas de concordância verbal e sim do processo de redução/desnasalização, torna-se importante mostrar quais elementos a autora traz como relevantes para sua análise, tendo em vista que, assim como neste trabalho, o seu foco são as formas verbais em terceira pessoa do plural. Desse modo, apresenta-se a estratégia utilizada por essa autora para a investigação deste fenômeno.

<sup>5</sup> Concordância verbal na P6 (sexta pessoa, ou terceira pessoa do plural).

As variáveis dependentes instituídas por Chaves (2016) compreendem as formas com marcação explícita de CV (os sete homem moru tudo aqui) e sem marcação explícita de CV (os homem tinha que levar uma carga de bateria). Como variáveis independentes, a autora traz as variáveis linguísticas saliência fônica, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente, tonicidade do contexto seguinte, traço humano do sujeito e posição do sujeito em relação ao verbo. Como variáveis sociais, ela destaca três perfis: escolaridade, idade e sexo.

Os resultados trazidos por Chaves (2016) revelam que nas duas formas de análises – considerando os dados ambíguos e os dados não ambíguos – o percentual de CV de 80,2% e 84,6% respectivamente – mostrando que houve uma maior preferência pela aplicação da regra na forma padrão em contraposição à forma não padrão (forma reduzida e desnasalizada).

Em relação às variáveis linguísticas, a variável saliência fônica não se apresentou como se esperava, pois os dados “não mostram uma ascendência em direção aos verbos mais salientes” (CHAVES, 2016, p. 197), apresentando uma elevação nos níveis 1, 2 e 3 (come/comem; fala/falam; faz/fazem) que são formas que não mostram oposição acentuada, portanto, não confirmam a hipótese de que quanto maior a saliência maior a aplicação da regra.

Na variável contexto fonológico seguinte, obteve-se maior relevância no fator consoante não nasal (tiveru que casar) e no fator pausa (eles foru) com percentuais de 81,5% e 91,1%, respectivamente. O fator sândi vocálico (brinc[um] monte/ brincam um monte) atuou com menor força no favorecimento da marcação explícita da CV com o percentual de 67,9%.

Na variável traço humano do sujeito, o fator [+humano] foi apontado como relevante com um percentual de 91,2% dos dados. Na variável *Posição do sujeito*, os fatores sujeito nulo (90,8%) e sujeito anteposto (81,3%) mostraram-se favorecedores na aplicação da regra de concordância verbal.

Em relação às variáveis sociais, o fator escolaridade (nível superior) obteve uma frequência de 83,2% dos dados como favorecedora da aplicação da regra de concordância verbal. Os outros grupos não foram significativos para a análise. Desse modo, Chaves (2016) mostra que os fatores fonológicos foram os que melhor explicaram as ocorrências do fenômeno de redução/desnasalização.

Medeiros et al (2021) e Mendonça et al (2017) estudam o fenômeno de redução/desnasalização levando em consideração diversas classes de palavras, e concluem que apesar de a maior frequência ser observada nas classes nominais, essas não apresentam relevância na análise. Para entender melhor essa questão, apresentamos uma síntese desses estudos em que se enfatiza quais variáveis favorecem a realização da forma padrão da ditongação/nasalização e da forma não padrão redução/desnasalização.

No estudo de Medeiros et al (2021) realizado na comunidade de Cachoeirinha-PE, constatou-se que 66% dos dados demonstram a manutenção da ditongação/nasalização. A variável linguística que melhor favorece a forma não padrão foi o contexto fonológico seguinte, em que o fator ditongo átono nasal é o principal favorecedor da referida forma, em uma frequência de 68% das ocorrências. Entre as variáveis sociais, observou-se que o fator idade favoreceu o uso da forma padrão, principalmente entre os falantes mais jovens; a variável escolaridade revelou que os falantes com o ensino superior usam mais a variante padrão que os de ensino médio.

Em um outro estudo, Mendonça et al. (2017) realizaram a pesquisa em Maceió-AL em que se observa também o fenômeno da desnasalização. Nesse trabalho os resultados mostram que 63% dos ditongos átonos foram monotongados, ou seja, reduzidos. As variáveis linguísticas que se mostraram atuantes, estatisticamente, foram contexto seguinte, tamanho da palavra, ditongo e consoante do onset. Já para as variáveis sociais, a atuação mais relevante foi da escolaridade, evidenciando que quanto maior o nível de escolarização do falante, menos realização da desnasalização.

Os estudos realizados por Silva et al (2012) sobre o referido fenômeno no PB, considerando somente os verbos em terceira pessoa do plural, especificamente nos tempos presente do indicativo (am), pretérito perfeito do indicativo (ram) e pretérito imperfeito do indicativo (vam). Os resultados apontaram que os verbos no pretérito imperfeito foram os que mais favoreceram a realização da redução de ditongos [ãw]; assim, pode-se inferir que esse tempo verbal é o que melhor favorece a realização do fenômeno investigado.

Em continuidade, passamos a conhecer o percurso da pesquisa que ora se apresenta e os resultados encontrados relacionados ao fenômeno supracitado, na comunidade afrodescendente de Mazagão Velho. A seção seguinte descreve sucintamente a comunidade investigada; em seguida apresentam-se os procedimentos metodológicos, a análise dos dados e as considerações finais deste estudo.

#### **4 Perfil da comunidade de Mazagão Velho**

O Distrito de Mazagão Velho está localizado no sul do Estado do Amapá, com uma distância aproximada de 70 km da capital. A comunidade mazaganense mantém suas origens pautadas nas tradições afro-amazônicas, as quais são consideradas patrimônio sócio-histórico e cultural do estado. Por sua descendência estar ligada à população de escravizados, se autodeclara afrodescendente.



Mazagão Velho originou-se de Mazighan<sup>6</sup>, a cidade que atravessou o atlântico. É proveniente do Marrocos, do Norte da África, em 1770. Nesse traslado, as famílias transplantadas que compunham a Mazagão marroquina trouxeram consigo negros escravizados, os quais foram entregues a essas famílias durante o período em que ficaram em Belém do Pará. O objetivo era que eles servissem de mão de obra no desenvolvimento da Nova Mazagão. Juntamente com esses escravizados que acompanhavam as famílias mazaganenses, fala-se que outros negros remanescentes quilombolas já povoavam o local (VIDAL, 2008).

Além dessa composição étnico-racial de descendentes de escravizados, indígenas e portugueses também compuseram essa formação. Sobre essa composição heterogênea é que se forma a diversidade sociocultural do lugar, reconhecido por suas festas populares como a Festa do Divino Espírito Santo, a Festa da Nossa Senhora da Piedade, a Festa de São Gonçalo, a Festa do Santo Antônio e a mais importante delas, a Festa de São Tiago. Juntamente com as festas religiosas, ocorrem as principais manifestações culturais do estado, o batuque e o marabaixo<sup>7</sup> (OLIVEIRA, 2015).

O distrito de Mazagão Velho já esteve mais isolado da capital, visto que há pouco tempo só se chegava ao local por meio de embarcações. Hoje, já existem pontes em todos os rios que se ligam à região. A pavimentação das estradas e ruas também facilitou esse acesso.

Mazagão tem suas poucas vias pavimentadas por bloquetes, contendo alguns locais públicos: a igreja de Nossa Senhora de Assunção, a capela de São Tiago, as escolas, a sede comunitária, o posto de saúde, os correios, a praça, o balneário, o campo de futebol; e algumas propriedades privadas como as vendas, a panificadora, as pousadas, as quais fomentam a economia local, junto com a agricultura que gira em torno da produção da farinha da mandioca, da goma, do tucupi, da extração do açaí, da castanha do Pará, do palmito que são produtos vendidos no local (OLIVEIRA, 2015). Na comunidade de Mazagão Velho estima-se que resida 1200 pessoas, conforme dados do IEPA (2022).

## 5 Procedimentos metodológicos

A metodologia adotada neste estudo segue os parâmetros da Sociolinguística variacionista de Labov (1981 [1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). O *corpus* analisado foi constituído por registros orais de 6 moradores da comunidade investigada, esses registros serão observados por meio de variáveis linguísticas e

---

<sup>6</sup> “Mazagão, a cidade que atravessou o atlântico” (VIDAL, 2008) é a obra que melhor explica o cenário sócio-histórico do Distrito de Mazagão Velho.

<sup>7</sup> Manifestações culturais com danças e cantos apresentadas em períodos festivos que preservam em suas execuções as marcas africanas, acompanhadas de tambores e caixas.

sociais, a fim de verificar a atuação de cada uma no tocante ao fenômeno estudado na comunidade. Os dados foram coletados por meio de questionário que induziam a uma narrativa livre sobre as festividades locais, as manifestações culturais e as histórias antigas que perduram nas narrativas orais da comunidade. A entrevista foi transcrita a partir da Chave de transcrição grafemática do Projeto Vertentes (LUCCHESI, 2010). Vale dizer que não houve indução direcionada às respostas, a entrevista foi direcionada para que despertassem as livres narrativas que nos permitiram observar e gravar as falas dos entrevistados, reconhecendo nelas vários outros fenômenos, além daqueles que buscávamos coletar. Porém, para este momento, destacamos os fenômenos da redução/desnasalização [falar $\upsilon$ ], [sab $\iota$ ] em contraposição à ditongação/nasalização [falarãw], [saběj] que ocorrem nas desinências verbais de 3ª pessoa do plural

Convém esclarecer que na análise desenvolvida fazemos referências e associações a outras pesquisas já realizadas no Brasil, a fim de confrontarmos hipóteses relacionadas às ocorrências no português vernáculo brasileiro.

Assim, nossa variável dependente constitui o fenômeno da realização da forma padrão ditongação/nasalização e da forma não padrão redução/desnasalização. As variáveis linguísticas selecionadas foram: tonicidade da sílaba seguinte (átona ou tônica), contexto fonológico seguinte (vogal, pausa ou consoante) e tempo verbal (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo ou pretérito imperfeito do indicativo); como variáveis sociais destacamos sexo (masculino e feminino), idade (18 a 45 anos; e acima de 50 anos) e escolaridade (ensino fundamental e ensino médio); ressalta-se que todos os informantes são nascidos no local ou residem nele desde os 5 anos de idade.

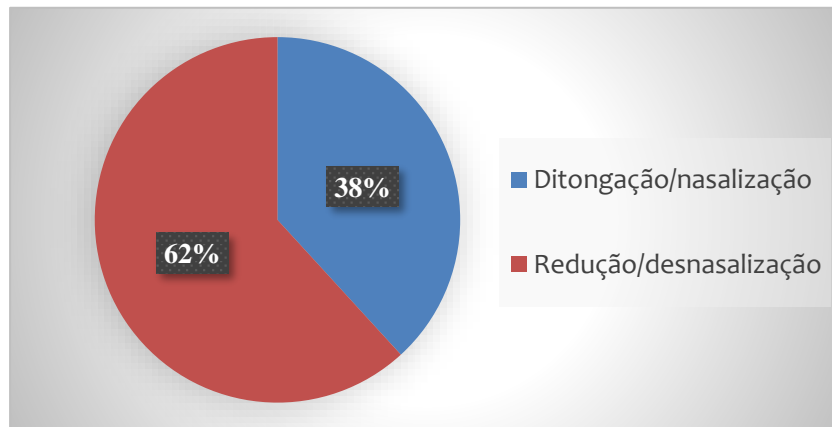
## 6 Análise dos resultados

Neste tópico destacam-se os resultados acerca da realização do fenômeno da ditongação/nasalização e redução/desnasalização em verbos de terceira pessoa do plural sob o viés da Sociolinguística Variacionista Laboviana (2008 [1972]). Consideram-se as ocorrências do referido fenômeno a partir de duas variantes linguísticas: a variante padrão padrão “cantaram” [ãw]; “fazem” [ěj] e a variante não padrão “cantaro” [u]; “faze” [l]; em seguida, apresentamos o desempenho das variáveis linguísticas (tonicidade da sílaba seguinte, contexto fonológico seguinte e tempo verbal) seguidas das variáveis sociais (sexo, idade e escolaridade), no tocante ao emprego do fenômeno.

Foram obtidas 327 ocorrências no total, entre as duas variantes apresentadas, em que 202 delas correspondem à forma não padrão redução/desnasalização [u, l] e

125 à forma padrão ditongação/nasalização [ãw, êj]. O gráfico 1 mostra essas realizações:

**Gráfico 1:** Ocorrências de Ditongação/nasalização e Redução/desnasalização em verbos de terceira pessoa do plural no falar mazaganense



**Fonte:** dados de pesquisa (2023).

O gráfico acima evidencia que a realização da forma não padrão redução/desnasalização da desinência de verbos em 3ª pessoa do plural é a mais frequente entre os falantes mazaganenses, com um total de 62% das ocorrências, enquanto que 38% os falantes dessa comunidade fazem uso da forma padrão ditongação/nasalização. Esse panorama pode refletir o que Lucchesi (2015) define como resultado da polarização sociolinguística no Brasil, onde os falantes que estão em localidades mais isoladas dos centros urbanos, como as ribeirinhas e quilombolas, tendem a empregar mais as variantes conservadoras<sup>8</sup>, principalmente as variantes irregulares que caracterizam o português popular brasileiro, como é o caso da redução/desnasalização, fenômeno focalizado nesse estudo. A seguir ilustramos algumas ocorrências da variante predominante em Mazagão e que compõem os dados analisados nesta pesquisa:

- (1) “Eles cheg[u] aqui comigo...”.
- (2) “Então as porta se fechar[u] pra isso aqui...”.
- (3) “Mesmo que a gente não vá eles faz[ɪ] então”.

<sup>8</sup> Em se tratando dos falantes de comunidades rurais, quilombolas e/ou isoladas geograficamente, Lucchesi (2015) defende a hipótese de que nessas localidades, o caráter conservador da língua, ou seja, de resistência a mudanças da língua, está entre os mais idosos, e como estes mantêm em seus falares o português popular, devidamente terem pouca ou nenhuma escolaridade, o conservadorismo é representado entre eles por suas irregularidades linguísticas, em contraposição aos mais jovens que são os que mais tiveram acesso ao ensino, dentre outros fatores, que apresentam o caráter inovador da língua.

Nos exemplos (1) e (2) observa-se que os verbos *chegar*[ʊ] e *fechar*[ʊ] são produzidos com a redução/desnasalização de [ãw] para [ʊ] – *chegam* [ʃe'gãw] para *chego* [ʃe'gʊ]; *fecharam* [fe'ʃarãw] para *fecharu* [fe'ʃarʊ]. No exemplo (3), é possível perceber a atuação do verbo *faz*[ɪ] que mostra a redução e desnasalização de [ěj] para [ɪ] - *fazem* [fazěj] para [[fazɪ].

#### Análise das Variáveis linguísticas

Dentre as variáveis linguísticas, trazemos três abordagens: a tonicidade da sílaba da palavra seguinte (átona ou tônica); o contexto fonológico seguinte, em que se observará se a sílaba seguinte se inicia por vogal, consoante ou se ocorre uma pausa logo após a realização do fenômeno e o tempo verbal, em que abordamos três tempos (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo) como os mais relevantes para o favorecimento do fenômeno estudado, conforme evidenciam os estudos de Batisti (2000) Bopp da Silva e Shwindt (2009), Mendonça et al (2021), Chaves (2016) e outros.

a) Tonicidade da sílaba da palavra seguinte à desinência verbal de 3ª pessoa do plural

Nesta variável foram considerados dois fatores: sílaba inicial átona ou sílaba inicial tônica. Torna-se importante evidenciar que as ocorrências aqui analisadas não contemplam as variantes em pausa, pois nesse caso, a variante não terá uma palavra seguinte como referência de tonicidade. Foram obtidos 202 casos de redução/desnasalização no corpus analisado, sendo que 179 desses se realizaram no contexto em que aparece palavra seguinte. A tabela 2 apresenta esses resultados.

**Tabela 2:** Atuação da variável tonicidade na sílaba da palavra seguinte à desinência verbal de 3ª pessoa do plural na realização da variante redução/desnasalização

Fator	Nº de ocorrências	Frequência
Átono	144/179	80,5%
Tônico	35/179	19,5%

**Fonte:** dados de pesquisa (2023).

Os valores percentuais evidenciados na tabela 2 destacam que a variante redução/desnasalização tende a ser favorecida pelo contexto em que a sílaba inicial da palavra seguinte é átona, com um total de 80,5% das realizações, enquanto o contexto em que a sílaba inicial da palavra seguinte é tônica não se mostrou atuante, haja vista a frequência de apenas 19,5% dos dados. Esses resultados confirmam os estudos de

Bopp da Silva e Schwindt (2009), Batisti (2000) e Mendonça et al (2017) nos quais essa variável se apresentou relevante, visto que revelou também que quando a sílaba inicial da palavra seguinte à desinência verbal de 3ª pessoa do plural é átona tende a favorecer o fenômeno da redução/desnasalização. Ilustramos essas ocorrências com os exemplos seguintes que fazem parte do corpus coletado.

(4)“... viver[ãw] muito tempo também perseguido”.

(5)“os mais velho for[ʊ] morrendo...”.

No exemplo (4) o verbo *viver[ãw]* precede a palavra *mu*ito, a qual constitui na sentença sílaba inicial seguinte tônica; já no exemplo (5) o verbo *for[ʊ]* precede a palavra *morren*do que na sentença se estrutura por sílaba inicial seguinte átona. Em nossa análise constatou-se a que este último fator atuou significativamente como favorecedor do fenômeno aqui investigado.

#### b) Contexto fonológico seguinte

Essa variável leva em conta os fatores vogal, pausa e consoante, ou seja, a natureza e ambiente do segmento seguinte à realização da desinência verbal de 3ª pessoa do plural; foram obtidas e analisadas 202 realizações de redução/desnasalização, cujo comportamento da variável apresenta-se na tabela 3 seguinte.

**Tabela 3:** Atuação da variável contexto fonológico seguinte à desinência verbal de 3ª pessoa do plural na realização da variante redução/desnasalização em verbos de terceira pessoa do plural

Fator	Nº de ocorrências	Frequência
Vogal	70/202	34,6%
Pausa	33/202	16,4%
Consoante	99/202	49%

**Fonte:** dados de pesquisa (2023).

Os índices apontados na tabela 3 retratam que a variante redução/desnasalização tende a ser favorecida quando o contexto fonológico seguinte, à realização da desinência verbal de 3ª pessoa do plural, é uma consoante com um total de 49% de realização nos dados; quando esse contexto é constituído por vogal na sílaba seguinte a ocorrência cai para 34,6%; e quando ocorre a pausa o emprego é de apenas 16,4% da referida variante. Esse resultado diverge dos estudos de Bopp da Silva e Schwindt (2009), Batisti (2000) e Chaves (2016), cujos resultados mostraram que a vogal na sílaba seguinte é o que mais favorece o fenômeno estudado. A seguir alguns exemplos de ocorrências para essa variável nos dados analisados.

(6)“Eles *criar*[ʊ] *medo*”.

(7)“Aí eles *com*[ε]ç[ʊ] *assim*...”.

(8)“... mas era assim que eles se *defendi*[ʊ]”.

O exemplo (6) traz uma amostra do fator contexto fonológico de consoante na sílaba seguinte; no exemplo (7) tem-se o fator contexto fonológico de vogal na sílaba seguinte; e no exemplo (8) ocorre o contexto fonológico de pausa.

### c) Tempo verbal

Para essa variável consideramos os tempos verbais que mais foram empregados pelos falantes, como o caso do presente do Indicativo, do pretérito perfeito do indicativo e do pretérito imperfeito do indicativo. A tabela 4 seguinte apresenta as realizações apontadas.

**Tabela 4:** Atuação da variável tempo verbal na realização da variante de redução/desnasalização em verbos de terceira pessoa do plural

Fator	Nº de ocorrências	Frequência
Presente do indicativo	66/202	32,7%
Pretérito perfeito do indicativo	107/202	53%
Pretérito imperfeito do indicativo	17/202	8,4%
Outras formas verbais	12/202	5,9%

**Fonte:** Dados de pesquisa (2023).

Os resultados indicam que o pretérito perfeito do indicativo é o tempo que mais favorece a realização da variante redução/desnasalização, em verbos de terceira pessoa do plural cuja ocorrência se dá em 53% dos dados; o presente do indicativo foi o segundo tempo verbal mais atuante aparecendo em 32,7% dos casos; já o pretérito imperfeito do indicativo e outros tempos verbais não se mostraram atuantes na concretização da referida variante.

Ao comparar esse panorama com os estudos de Silva et al (2012) em Belo Horizonte, verificamos que os verbos no pretérito imperfeito do Indicativo também não se mostraram relevantes no condicionamento dessa variante; conforme os autores essa baixa atuação decorre pelo fato de esse tempo verbal está menos frequente no uso pelos falantes. Por outro lado, o presente e o pretérito perfeito do indicativo mostraram-se relevantes com frequência de uso de 31,55% e 33,09%, respectivamente. Convém evidenciar que esses resultados condizem com os estudos

de Batisti (2000) ao salientar que os verbos no pretérito perfeito do indicativo favorecem a variante redução/desnasalização.

Ilustramos a realização dessa variável nos dados seguintes.

(9) “Eles *cheg[ʊ]* aqui comigo...”.

(10) “Aí eles *for[ʊ]* falou comigo”.

(11) “Depois eu vim meio-dia e eles já *tav[ʊ]* almoçando”.

No exemplo (9) tem-se o verbo *cheg[ʊ]* no presente do indicativo; no exemplo (10) o verbo *for[ʊ]* está no pretérito perfeito do indicativo e no exemplo (11) o verbo *tav[ʊ]* aplica o pretérito imperfeito do indicativo.

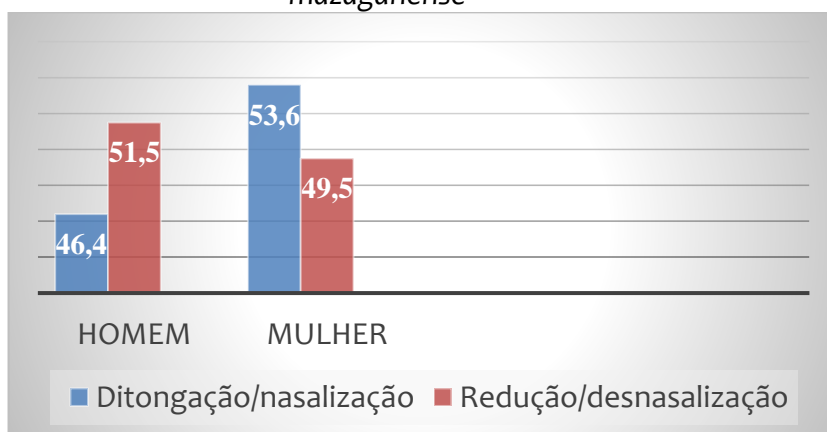
#### Análise das Variáveis Sociais

Nesta análise será apresentado o desempenho dos fatores extralinguísticos, no condicionamento da forma padrão ditongação/nasalização e da forma não padrão redução/desnasalização em verbos de terceira pessoa do plural.

##### a) Variável Sexo

Aqui consideramos os fatores homem e mulher, no tocante ao emprego da forma padrão ditongação/nasalização e da forma não padrão redução/desnasalização pelos falantes mazaganenses. O gráfico 2 seguinte aponta esses resultados.

**Gráfico 2:** Atuação da variável Sexo quanto à realização da forma padrão ditongação/nasalização e da forma não padrão redução/desnasalização pelo falante mazaganense



**Fonte:** dados de pesquisa (2023).

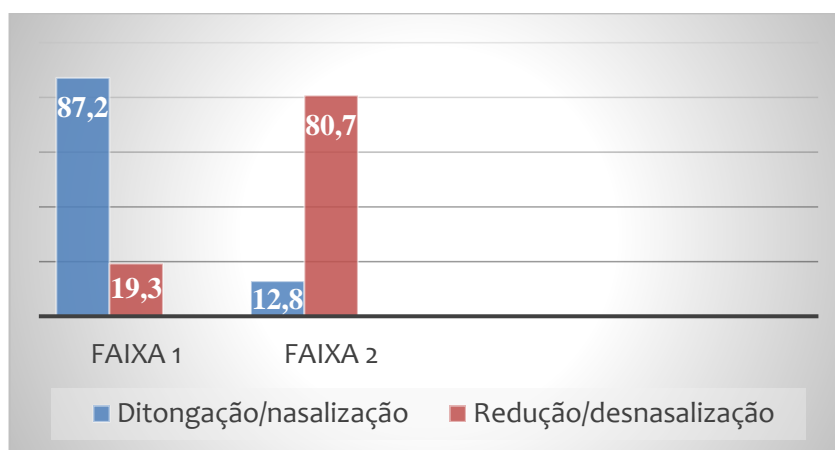
O Gráfico destaca que 53,6% das ocorrências para a forma padrão foram realizadas pelas mulheres e 46,4% pelos homens. Já a variante não padrão ocorreu em 51,5% pelos homens e 49,5% pelas mulheres. Esse quadro nos revela um ambiente equilibrado no que

tange à variável sexo, mostrando uma recorrência um pouco maior da forma padrão entre as mulheres e da forma não padrão entre os homens; portanto, esse panorama de equilíbrio quanto ao uso pelos homens e mulheres aponta uma atuação neutra dessa variável, na comunidade quanto ao fenômeno investigado.

#### b) Variável Idade

Nesta variável consideramos 2 grupos: faixa 1, envolvendo falantes de 18 a 45 anos e faixa 2 abrangendo falantes acima de 50 anos. O gráfico 3 seguinte mostra os valores encontrados em cada grupo.

**Gráfico 3:** Atuação da variável Idade quanto à realização da forma padrão Ditongação/Nasalização e da forma não padrão redução/desnasalização pelo falante mazaganense



**Fonte:** dados de pesquisa (2023).

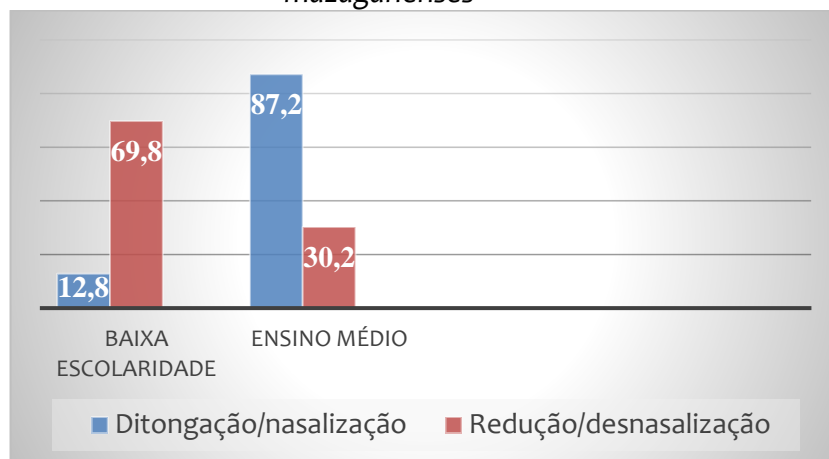
Essa variável reflete significativamente a realização da forma padrão pelos falantes da primeira faixa etária (18 a 50 anos) com uma frequência de 87,2% dos casos e somente 12,8% pelos falantes da segunda faixa (acima de 55 anos). Já a forma não padrão é bem mais usada por esse segundo grupo com um índice de 80,7%, enquanto que os do primeiro grupo a utilizam em somente 19,2%. Esses resultados vão de encontro à proposição de Labov (2008 [1972]) de que está entre os mais jovens uma tendência de inovação da língua, já que nossos dados apontam, nessa faixa etária, um elevado uso da forma considerada padrão no PB; a forma não padrão, inovadora em nosso estudo, a redução/desnasalização, foi empregada mais pelos falantes de maior idade, destacando, assim, que a proposição de Labov (2008 [1972]) tende a ser relativa, pois acreditamos que essa ocorrência depende do fenômeno investigado.

#### c) Variável Escolaridade

Nessa variável consideramos dois grupos: falantes com o nível fundamental e falantes com o nível médio de ensino. O gráfico 4 evidencia os resultados obtidos.



**Gráfico 4:** Atuação da variável Escolaridade quanto à realização da forma padrão Ditongação/Nasalização e da forma não padrão redução/desnasalização pelos falantes mazaganenses



**Fonte:** dados de pesquisa (2023).

Assim como a variável idade, a escolaridade também revelou resultado produtivo, haja vista os falantes com o nível de ensino médio favorecerem a variante padrão em 87, 8% dos dados, ao passo que os falantes com o ensino fundamental a empregaram em apenas 12,8%; a variante não padrão teve um emprego bem maior entre esse último grupo de falantes, com cerca de 69,8% das ocorrências ao passo que os de ensino médio a utilizam em somente 30,2%. Desse modo, esse panorama permite inferir que os falantes da comunidade mazaganense parecem estar seguindo o cenário comum no PB quanto ao uso da variante padrão e não padrão, no tocante à influência da escolaridade, haja vista a tendência de que quanto maior o nível de escolarização do falante, mais ele emprega as variantes padrão da língua, chamadas também de variantes prestigiadas; por outro lado, quanto menor esse nível, menos se utiliza essas variantes (LABOV, 2008 [1972]; Bopp da Silva e Schwindt, (2009); Batisti, (2000), Chaves, (2016); Medeiros et al., (2021) e Mendonça et al., (2017).

Torna-se importante evidenciar que não foi possível para esse momento da pesquisa estabelecermos correlação entre as variáveis sociais, efetuando cruzamentos, por exemplo, haja vista estarmos com um número reduzido de dados por falante e desequilíbrio entre as células, sobretudo na variável escolaridade, o que comprometeria a geração de resultados confiáveis.

## Considerações finais

Na análise realizada sobre o fenômeno da redução/desnasalização em verbos de terceira pessoa do plural no português falado na comunidade de Mazagão Velho – AP, podemos constatar a realização da variante na forma não padrão,

desnasalização/redução [ʊ, ɪ], com ocorrência equivalente a 68% dos dados e da variante na forma padrão, ditongação desnasalização [ãw, ẽj], em 38% dos registros.

Esses dados podem revelar o perfil dessa comunidade que mantém ainda um aspecto histórico-geográfico de isolamento de outras cidades, incluindo a capital Macapá. Entretanto, esse isolamento parcial tende a ser rompido, haja vista a presença cada vez mais frequente de elementos de urbanização atuando na comunidade, como a internet, a energia elétrica, escolas de ensino médio e cursos de nível superior. Porém vale informar que muitos moradores ainda se mantêm isolados na comunidade, deslocando-se para os centros urbanos esporadicamente.

A análise das variáveis linguísticas revelou que a variante não padrão, realizada por meio da *redução/desnasalização*, foi favorecida pela tonicidade da sílaba inicial da palavra seguinte à desinência verbal de 3ª pessoa do plural, cuja forma átona foi a que apresentou maior atuação nesse condicionamento; o contexto fonológico seguinte iniciado por consoante é o que mais favorece a referida variante e o pretérito perfeito do indicativo foi o tempo que se mostrou mais atuante nos dados analisados.

Entre as variáveis sociais, destaca-se a idade e a escolaridade evidenciando uma tendência observada também em outros estudos no português brasileiro, em que a variante não padrão tende a ser mais empregada pelos falantes acima de 55 anos e de escolaridade correspondente ao ensino fundamental.

Desse modo, observa-se que, na comunidade de Mazagão Velho, os falantes empregam mais a forma não padrão no uso dos verbos em 3ª pessoa do plural, correspondente à desnasalização/redução, refletindo, de certo modo, o que também ocorre no português popular brasileiro. Essa variedade do português pode ter como origem uma transmissão linguística irregular (TLI), conforme mencionado por Lucchesi (2015), por meio do contato linguístico do português com línguas africanas.

Reiteramos ainda que esse fenômeno merece ser mais bem investigado na comunidade mazaganense, com a ampliação dos dados, inserção de outras variáveis linguísticas e sociais e considerando ainda outras localidades no estado do Amapá para melhor evidenciarmos um perfil linguístico dessa comunidade tradicional no estado.

## Referências

BOPP DA SILVA, Taís; SCHWINDT, L. C. **Panorama da redução da nasalidade em ditongos finais no português do sul do Brasil**. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (Org.). *Português do sul do Brasil: Variação fonológica*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 13-33.

BAGNO, M. o Impacto das línguas bantas na formação do português brasileiro. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 16, São Paulo: FFLCH/USP, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/clt>>. Acesso em 12 de abril de 2023.

CHAVES, R. G. Influência de processos fonológicos na marcação explícita de CVP6. **ReVEL**, edição especial n. 13, 2016. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/793d57264522f7c3f5d7520c9971781d.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

GERCO/IEPA. Programa Estadual de Gerenciamento Costeiro. Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá. **Carta Imagem da Comunidade de Mazagão Velho**. Macapá, 2022.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas: A polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

MEDEIROS, S. C.; BRAGA, L. N. B.; OLIVEIRA, L. A. L. A redução dos ditongos nasais átonos em cachoeirinha – PE. **Revista Sociodialeto** – NUPESD / LALIMU, v. 11, nº 33, mar 2021. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/340>>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

MUSSA, Alberto B. N. **O papel das línguas africanas na história na história do português do Brasil**. 1991. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, E. S. **Devoção, tambor e canto: Um estudo etnolinguístico da tradição oral de Mazagão Velho**. 2015. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-22122015-10101109/publico/2015\\_EdnaDosSantosOliveira\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-22122015-10101109/publico/2015_EdnaDosSantosOliveira_VCorr.pdf)>. Acesso em 16 de fevereiro de 2022.

SILVA, T. C.; FONSECA, M. C.; CANTONI, M. A redução do ditongo [ãw] postônico na morfologia verbal do português brasileiro: uma abordagem baseada no uso. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 283-292, julho-setembro 2012. Disponível em:

<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/11858>>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

VIDAL, L. **Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico**: do Marrocos à Amazônia (1769-1783). Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2008.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. São Paulo, SP: Parábola, 2006 [1968].



## Reduction and denasalization in third-person plural verbs in Mazagan Portuguese

### ABSTRACT:

This work seeks to highlight the phenomena of reduction and denasalization in final unstressed nasal diphthongs in 3rd person plural verbs in Mazagan Portuguese. The objective is to show how these occurrences develop in the community, in view of the variability of realizations already present in Brazilian Portuguese. Thus, we deal with the concept of reduction and denasalization, from the morphophonological perspective, related to the variable behavior of third-person plural verb agreement. For this, we consider the studies already carried out by Chaves (2016), Mendonça et al (2017), Medeiros et al (2021), Batisti (2000), Silva et al (2012), Bopp da Silva and Schwindt (2009), as well as how we used the theory and variationist methodology of Labov (2018 [1972]) and Weinreich, Lavob and Herzog (2006). For this purpose, we considered the graphematic transcriptions, based on the transcription key of Projeto Vertentes (LUCCHESI, 2010), from clippings of interviews carried out in the Mazagan community. This community, under the eyes of Vidal (2008) and Oliveira (2015), corresponds to the district of Mazagão Velho, in Amapá, an Afro-descendant community that maintains in its tradition a social organization that stands out for its uniqueness, considering the local cultural manifestations. These evidences favor the accomplishment of the sociolinguistic investigation given its its geographic, historical and sociocultural representation, since this place constitutes historical-cultural heritage of the state of Amapá.

### KEYWORDS:

Afro-descendant  
community;  
Mazagão Velho;  
Reduction and  
denasalization;  
Variation;